ESTADO DE MINAS

Publicado em 09/07/2023 - 05:55

Alívio no bolso (mas nem tanto)

CUSTO DE VIDA

Baixa na inflação é percebida pela população, que volta a comprar carne e consome mais frutas e legumes. Mas o orçamento apertado impede mudança rápida no padrão de compras

Consumidor vê queda de preço em meio ao aperto

MARIANA COSTA E MARCELO DE MORAES

A queda da inflação, com o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) devendo registrar deflação em junho, começa a ser percebida pelos consumidores, que voltam a adquirir bens que foram abandonados no passado recente, assim como diversas as compras de produtos cuja demanda foi reduzida pela alta dos preços. Mas, com quase 80% das famílias brasileiras endividadas com dívidas e com o orçamento apertado, o alívio no valor de alguns produtos não chega a ser suficiente para mudanças bruscas no padrão de comprar frango e carne. Agora, como por promoção, compram óleo de soja, tomate e, no chá de dentro", diz a auxiliar administrativa Claudia Reis, de 36 anos, ao comparar o consumo antes e agora com queda nos preços. Ela resalta que mesmo quando os produtos estavam mais caros, não deixou de consumir. "Não deixo de comprar, mas não compro uma quantidade que dura para uma semana, por exemplo", conta ela.

A aposentada Elisabeth Vieira, de 66 anos, também afirma ter percebido redução dos preços de todos os tipos de carne no açougue. Ela conta que voltou a consumir contrafilé, que "está com o preço em cima". "Chá de dentro e patinho também caíram de preço". Ela lembra que, apesar de não consumir diariamente, já conseguiu comprar picanha para um churrasco. "Baixou, mas não tanto," Elisabeth e Claudia, no entanto, resaltam que a redução não é generalizada e há aumentos de outros produtos. "Não vejo muita mudança de preços", afirma a aposentada referindo-se ao valor das carnes em supermercados e sacolões. "O tomate e a cenoura estão um absurdo," reclama a auxiliar administrativa.

Em alguns casos, o orçamento familiar apertado ainda não permite que as pessoas voltem a consumir alimentos que registraram queda de preço. É o caso do motoboy de aplicativos Nilton Batista, de 36 anos, pai de dois filhos pequenos. Ele diz que continua comprando apenas o essencial. Batista destaca a queda no preço da gasolina como a mais perceptível, desde dezembro do ano passado. Apesar disso, ainda não conseguiu voltar a comprar produtos que consumia.

"Tivemos uma crise, mas acaba que outras aumentam. Por exemplo, a dieta de ovos custava R$ 10, em 2020, e agora já dobrou de preço. Custa entre R$ 20 e R$ 23. Eu deixo de pagar um pouco a mais na gasolina, mas gasto em outras coisas. Acabo que fica empatado. Comprei só o básico. Carne a gente precisa escolher os dias. Se for comer todos os dias fica muito caro.", acrescenta o motoboy.

Batista revela que a família completa as refeições com ovos, salsicha e cortes mais baratos. "Picanha para fazer um churrasco está complicado. Faz mais de um ano e meio que não faço um churrasco." Com um salário de R$ 3 mil mensais, ele diz que sempre tem algum custo extra. "Um pneu que precisa ser trocado. Então acabo usando esse dinheiro, vira o mês e começa tudo de novo", conta ele ao relatar seu consumo. "A gente vai no supermercado com R$ 150 e compra muito pouca coisa, sai com duas ou três sacolas."

MUDANÇA DE HÁBITO Donos de estabelecimentos comerciais percebem mudança no comportamento dos consumidores com a queda no preço. Em um ano e meio, sacolão na Rua Aragarças, Bairro Santa Efigênia, Região Leste de BH, Sérgio Aragão, diz que os produtos alimentícios tiveram redução de preço desde o ano passado. Entre as maiores quedas, ele cita abóbora moranga, diacha, coco e melão. "Hoje temos vários produtos sendo vendidos por R$ 1,98 e R$ 2,98. Antigamente, os mais baratos eram vendidos a R$ 3,98", lembra.

Com a queda nos preços, o gerente diz que as pessoas vêm comprando maior quantidade de produtos. Além disso, alimentos que estavam mais caros voltaram a ser consumidos. "O maçanda (formosa) mesmo estava R$ 14,90 o kilograma estava comprando. Agora está R$ 5,98 e as pessoas levam mais." Ele cita mexerica e cebola com quedas significativas de preço. "A cebola estava R$ 6 e agora está R$ 1,98."

No açougue na Avenida dos Andradas, Bairro Santa Efigênia, Região Leste de BH, o gerente Wanderson Edson comemora o aumento nas vendas. Segundo ele, as pessoas estão consumindo mais carnes nos últimos seis meses. "A carne bovina não tinha muita saída. Hoje em dia, com a queda de preço, os clientes estão consumindo mais." Contrafilé, picanha e miolo de alcatra são entre os cortes mais vendidos e tiveram um aumento de vendas de 70%, segundo o gerente. "Antes passado, a gente vendia mais frango e carne suína. Agora estamos vendendo mais carne bovina." A quantidade de produtos também aumentou. "Antes, as pessoas compravam, em média, 500g e agora levam, em média, 1kg."

PERCEPÇÃO O economista Nilola Tingas, consultor econômico da Associação Nacional das Instituições de Crédito, Financiamento e Investimento (Acrefi), lembra que muitas vezes o consumidor vê o índice e preços negativando queda e no entanto isso não se reflete no supermercado. "Quando um preço subiu muito, ele não necessariamente vai reduzir. Ele parou de subir e a inflação é zero. A taxa de inflação agregada cai, mas não o preço daquele produto. Quem depende, para você melhorar preços no orçamento familiar você precisa ter uma deflação", afirma.

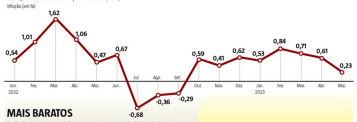
Para ser a queda ser perceptível é preciso que os valores tenham deflação forte. Foi isso que ocorreu na Grande Belo Horizonte, com os preços de produtos como o óleo de soja, cuja embalagem de 900 ml em vendida ao preço médio de R$ 9,05 em junho do ano passado e agora é encontrada a R$ 4,94, conforme pesquisa do Mercado Mineiro (www.mercadomineiro.com.br) feita para o **Estado de Minas**. A deflação chegou a 45,4% no período. Outro item com forte redução de preço é feijão. O litro do produto era vendido a R$ 6,98, em média, em junho de 2022 e agora é encontrado a R$ 4,69, com deflação de 32,6%.

A aposentada Elisabeth Vieira voltou a comprar picanha para o churrasco e também outros cortes

CUSTO DE VIDA NO BOLSO

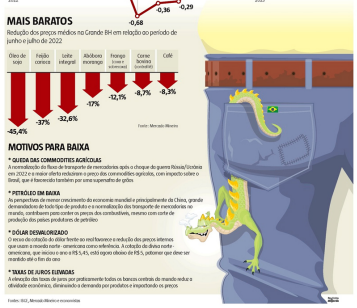
O DRAGÃO PERDE FÔLEGO

Evolução do índice de inflação no Brasil (IPCA)



MAIS BARATOS

Redução dos preços médios na Grande BH em relação ao período de junho e julho de 2022



MOTIVOS PARA BAIXA

*** QUEDA DAS COMMODITIES AGRÍCOLAS**
A normalização do fluxo de transporte de mercadorias após o choque da guerra Rússia/Ucrânia em 2022 e a maior oferta reduziram o preço das commodities agrícolas, com impacto sobre o Brasil, que é fornecedor também por uma superoferta de grãos

*** PETRÓLEO EM BAIXA**
As perspectivas de menor crescimento da economia mundial e principalmente da China, grande demandadora de todo tipo de produto e a normalização dos transporte de mercadorias no mundo, contribuem para conter os preços das combustíveis, reduzindo o custo de produção dos países produtores de petróleo

*** DÓLAR DESVALORIZADO**
O recuo da cotação do dólar frente ao real favorece a redução dos preços internos que usam a moeda norte-americana como referência. A cotação da divisa norte-americana, que iniciou o ano a R$ 5,85, está esperançosa obtido de R$5, patamar que deve ser mantido até o fim do ano

*** TAXAS DE JUROS ELEVADAS**
A elevação das taxas de juros por praticamente todos os bancos centrais do mundo reduz a atividade econômica, diminuindo a demanda por produtos e impactando os preços

Fontes: IBGE, Mercado Mineiro e economistas

Desaceleração deve continuar

Queda nos preços das commodities, redução no valor dos combustíveis e baixa na cotação do dólar são algumas dos motivos que explicam a desaceleração dos preços, ajudada também pela política de juros altos, segundo avaliam economistas. Ao lembrar que em 2022, com a guerra Rússia/Ucrânia, houve uma instantânea contração da ofertar global, o que levou os preços para a estratosfera, o economista Nilola Tingas, consultor econômico da Acrefi, diz que este ano a normalização da oferta global e a desaceleração das economias com os turvos altos permitem a redução dos preços do petróleo e das commodities, com queda nos preços no Brasil.

"A gente tem visto uma desaceleração da inflação nesse primeiro semestre. Inclusive a expectativa, o dado oficial de junho ainda não saiu, é de que a gente tenha uma inflação negativa do IPCA pro fechamento do junho", afirma o economista Paulo Henrique Duarte, da Valor Investimentos. "O que mais tem contribuído com isso são alimentos e combustíveis e como os combustíveis têm um impacto em toda a cadeia de transporte," acrescenta.

Para o economista Diogo Santos, do Instituto de Pesquisas Econômicas, Administrativas e Contábeis (Ipeacd), os principais fatores para a queda dos preços estão a tendência de baixa no valor das commodities agrícolas e energéticas, como petróleo e gás natural, "que acabam gerando uma redução dos custos de produção em diversos setores econômicos com a produção de alimentos".

Ele observa que a queda do dólar derrubou o preços dos importados e o custo de matérias-primas e insumos, o que significa custo menor de produção de mercadorias. Com vários fatores reduzindo o custo, as empresas diminuem o aumento dos preços para os consumidores finais, gerando assim uma desaceleração da inflação", diz Diogo.

TENDÊNCIA Os economistas avaliam que a tendência de inflação em queda deve persistir até o fim deste ano. "Os preços já subiram muito e agora eles estão mais ou menos parados, com oscilações menores, portanto, isso vai ajudando o índice de inflação a ir caindo", afirma Nilola Tingas. "O país realizou uma safra recorde de soja e outros grãos que também está contribuindo para a queda de preços, como no caso do óleo de soja. Para o próximo mês, há redutividade o custo, as empresas diminuem o aumento dos preços para os consumidores finais, gerando assim uma desaceleração da inflação", diz Diogo.

"A expectativa é a gente continuar a ver um IPCA mais comportado no segundo semestre. A propriamente economia brasileira deve desacelerar um pouquinho", diz Paulo Henrique. Já Tingas vê na nova política de preços da Petrobras uma perspectiva de internalização da queda do valor do petróleo no mercado internacional. "Isso está inclusive ajudando a atenuar a volta daquelas impostos que foram suspensos lá atrás, no período pré-eleitoral, e estavam voltando agora. Essa última queda da gasolina nas refinarias ajuda a compensar a volta de alguma pressão na inflação dos impostos. ayuda o consultor econômico da Acrefi. (MM)

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Economia **Pagina:** 5

Copyright © Clipclap 2025.